

PAIVA, F. A.; SANTOS, Z. B. Interlocuções entre a Semiologia e a Semiótica Social. *ReVEL*, v. 23, n. 45, 2025. [www.revel.inf.br].

INTERLOCUÇÕES ENTRE A SEMIOLOGIA E A SEMIÓTICA SOCIAL

Interlocutions between semiology and social semiotics

Francis Arthuso Paiva

Záira Bomfante dos Santos

francis@teiacoltec.org¹

zbomfante@gmail.com²

RESUMO: Neste artigo, Semiologia é o termo que reúne estudos semióticos de Roland Barthes; e Semiótica Social, por sua vez, reúne o estudo sistêmico e funcional de Gunther Kress, Bob Hodge e Theo van Leeuwen, incluindo a abordagem da multimodalidade. Posto isto, o objetivo é discutir analítica e reflexivamente as convergências e divergências entre essas semióticas, com vistas a demonstrar como a Semiologia contribuiu para fundamentar a Semiótica Social, ao mesmo tempo que esta avança ao superar dualismos e visões de arbitrariedade na produção de sentido presentes naquela. As análises partiram da interlocução entre as obras dessas semióticas, sobretudo a partir do conceito de mito de Barthes ([1957]/2009) em convergência com princípios sociais, ideológicos e discursivos da Semiótica Social de Hodge e Kress (1988). Depois, o artigo demonstra divergências entre as semióticas no que se refere às noções de arbitrariedade e motivação, a partir de Barthes ([1964]/1974) e Kress (2010). Como síntese, no intuito de demonstrar possibilidades analíticas para a semiótica como ciência que abrange outros signos além do linguístico, o artigo analisa elementos de capa de revista a partir de pressupostos da multimodalidade de Kress e van Leeuwen (2021), cuja imagem outrora foi analisada por Barthes (2009) com pressupostos estruturalistas de langue/fala e de conotação/denotação, ainda que ele tenha buscado superá-los, afastando-se da premissa do signo de sentido único, fixo e arbitrário que esses pressupostos podem suscitar. Por isso as críticas de Barthes aos mitos do poder hegemônico continuam válidas mesmo na comunicação contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: semiologia; mito; semiótica social; multimodalidade.

ABSTRACT: In this article, Semiology is the term that brings together the semiotic studies of Roland Barthes; and Social Semiotics, in turn, brings together the systemic and functional studies of Gunther Kress, Bob Hodge and Theo van Leeuwen, including the multimodality approach. The aim is to discuss the convergences and divergences between these semiotics to demonstrate how Semiology has contributed to promoting Social Semiotics, at the same time as the latter advances by overcoming dualisms and visions of arbitrariness in the production of meaning present in the former. The analysis started from the interlocution between the works of these semiotics, above all from the concept of myth by Barthes ([1957]/2009) in convergence with the social, ideological and discursive principles of Social Semiotics by Hodge and Kress (1988). The article then demonstrates divergences between semiotics with regard to notions of arbitrariness and motivation, based on Barthes ([1964]/1974) and

¹ Doutor em Linguística Aplicada – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

² Doutora em Estudos Linguísticos – Universidade Federal do Espírito Santo – UFES.

Kress (2010). To demonstrate analytical possibilities for semiotics as a science that encompasses signs other than the linguistic, the article analyzes elements of a magazine cover based on the assumptions of Kress and van Leeuwen's multimodality (2021), whose image was once analyzed by Barthes (2009) with structuralist assumptions of langue/speech and connotation/denotation, even though he sought to overcome them, moving away from the premise of the single, fixed and arbitrary meaning of the sign. Hence, Barthes' criticisms of the myths of hegemonic power remain valid even in contemporary communication.

KEYWORDS: semiology; myth; social semiotics, multimodality.

O PODER DO MITO

Os estudos semiológicos de Roland Barthes contribuíram para expandir a concepção de linguagem vista como um sistema exclusivamente constituído do signo linguístico em direção a uma semiologia geral, que compreende outros sistemas sígnicos além do verbal falado e escrito. Para empreender esse devir na semiótica, Barthes teve como ponto de partida a interpretação estruturalista dos estudos de Saussure ([1916]/2012), porém, elaborando-os e superando-os no que eles possuíam de limitações para a análise de signos não linguísticos. Nesse empreendimento, Barthes desenvolveu o conceito de **mito**, que consideramos ser uma contribuição substancial para a Semiótica Social e a multimodalidade.

Consideramos Semiótica Social³ e multimodalidade os estudos de base sistêmica e funcional de Gunther Kress, Bob Hodge e Theo van Leeuwen sobre a produção de sentido na concepção de signos motivados por escolhas e pelo uso, bem como a produção de sentido por meio de diferentes modos semióticos ou mesmo pela integração entre esses modos. Nesses termos, nosso pressuposto é que as proposições desenvolvidas em **O mito, hoje**, último capítulo do livro **Mitologias**, de Barthes ([1957]/2009), e em **Elementos de Semiologia**, de Barthes ([1964]/1974), sobretudo no seu capítulo **Denotação e Conotação**, estão em interlocução com os fundamentos sociais, ideológicos e de linguagem da Semiótica Social de Hodge e Kress (1988), Kress e van Leeuwen (2021) e Kress (2010), ainda que haja diferenças na maneira como cada uma dessas semióticas compreende a produção do signo e a sua materialidade.

³ Segundo Nöth (1995), os iniciadores do que viria a ser a Associação Internacional de Estudos Semióticos, entre eles Barthes, Benveniste, Greimas, Jakobson, Lévi Strauss e Sebeok decidiram adotar **semiótica** como o termo geral que deveria doravante abranger todo o campo de pesquisa nas tradições da semiologia e da semiologia geral. Neste artigo, utilizamos Semiologia e Semiótica Social para nos referirmos, respectivamente, às semióticas de Barthes e de Kress, Hodge e van Leeuwen, no intuito de diferenciá-las. Assim, com iniciais maiúsculas, se referem, neste artigo, à semiótica desses estudiosos. Por outro lado, semiótica iniciada em minúsculo refere-se ao campo de estudos semióticos como um todo.

A justificativa para nos debruçarmos nesse diálogo entre a Semiologia de Barthes, de tradição francesa, e a Semiótica Social, de tradição inglesa, é contribuir com os estudos linguísticos e semióticos, no que tange à compreensão da produção de sentido como processo situado social e historicamente, no tempo e no espaço. Portanto, nosso objetivo é discutir as convergências e as divergências entre a Semiologia e a Semiótica Social, no que se refere à produção de sentido de signos opacos, em multimodalidade, com mascaramento de ideologias e pelos sistemas duplos dos mitos barthesianos.

Com base nesse cenário investigativo, o presente trabalho propõe uma interlocução entre a Semiologia de Barthes e a Semiótica Social. Assim, ele está constituído nesta sequência de objetivos: (i) apresentar uma discussão epistemológica das premissas que norteiam a Semiologia e o Mito em Barthes, o processo de produção de signo; logo em seguida, (ii) refletir sobre o processo de produção de signo na perspectiva da Semiótica Social e como as noções de arbitrariedade e motivação são mobilizadas e, na sequência, (iii) enfatizar a multimodalidade como um braço da Semiótica Social, que considera os modos e os recursos para produção de sentido disponíveis em uma cultura para compor a tessitura textual em conjunto multimodal orquestrado. Como exemplificação, refazemos parte da análise de capa da revista **Paris Match**, que foi analisada por Barthes (2009) em **O mito, hoje**. Por fim, fazemos considerações sobre as mudanças na comunicação e na paisagem semiótica desde Barthes até a contemporaneidade pelo olhar da Semiótica Social.

1. A PRODUÇÃO DO SIGNO

A semiologia de Barthes (2009) compreende a produção do signo como a relação entre o significante e o significado, mais um terceiro, o signo, que é a totalidade associativa dos dois primeiros. Como Barthes (1974) deixa claro, essa sua perspectiva da produção do signo vem de Saussure (2012), para quem a relação entre significante e significado do signo é arbitrária, no entanto, isso não quer dizer que “depende da livre escolha do que fala, não está ao alcance do indivíduo trocar coisa alguma no signo, uma vez que esteja ele estabelecido num grupo linguístico” (Saussure 2012: p. 109). Portanto, para Saussure (2012: 46), a língua “existe senão

em virtude de uma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade”, por convenção do todo social, que é formado pelos falantes de uma língua. Para Saussure (2012), o significante é o que ele chama de imagem acústica, aquela imagem mental que produzimos ao ouvir/ler um significante; por sua vez, o significado é o conceito que associamos a essa imagem acústica. Nesses termos, a palavra boi é o signo que recebemos por estímulo auditivo ou visual, para o qual os falantes de português possuem uma imagem acústica, seu significante, a que associamos o conceito do animal boi. Portanto, se o significante está para a imagem acústica, o significado está para o conceito e o signo é a palavra, que realiza, concreta e materialmente, a relação entre o conceito e a imagem acústica.

Na concepção de Saussure (2012), o signo é uma materialidade pronta e dada, em arbitrariedade. Barthes (1974), embora parta do princípio saussuriano de arbitrariedade do signo, procura relativizá-lo. Para sua Semiologia, Barthes (1974) prefere utilizar a dicotomia arbitrário/motivado considerando fatores sociais. Com isso, para a Semiologia, um sistema será arbitrário, quando seus signos se constituírem não por contrato social, mas por decisão unilateral do grupo que exerce poder sobre o sistema. Barthes (1974) cita o sistema da moda como exemplo, cujo signos são ditados anualmente pelo grupo que detém poder para tanto. Por outro lado, rompendo com o imperativo que se criou a partir dos estudos de Saussure, Barthes afirma que “na língua, o signo não é arbitrário [...] é motivado quando a relação entre seu significante e seu significado é analógica”. Por analógica, ele compreende a relação entre significante e significado estabelecida por analogia, proximidade, comparação, metáfora, contiguidade ou por outra relação substancial que não seja binária.

Atento às práticas sociais pela linguagem, Barthes (1974) aponta que um sistema pode ir do arbitrário para o analógico/motivado, bem como há sistemas que começam analógicos e se tornam arbitrários. Para o primeiro caso, ele exemplifica com logomarcas comerciais, cuja produção é inicialmente arbitrária, construída por um grupo que estabelece relações entre significantes e significados escolhidas por ele, no entanto, com o passar do tempo e com sentidos produzidos pelas pessoas, essas logomarcas podem construir impressões de potência, precisão, qualidade, que são em grande medida analogias, metáforas e comparações motivadas. Para o segundo caso, inversamente, jogos tendem a começar como brincadeiras motivadas, carregadas de

sentidos analógicos de comparação e contiguidades, mas, no seu devir, recebem regras arbitrárias.

Essas discussões acerca da arbitrariedade e motivação dos signos de Barthes (1974) estão em interlocução com a Semiótica Social de Hodge e Kress (1988), porém com algumas diferenças de concepção. Na Semiótica Social, os signos são construções em sociedade, historicamente situadas, cujos membros realizam escolhas sempre motivadas para produzirem sentido. Por isso Kress (2010) questiona a visão tradicional e convencional de arbitrariedade entre forma e significado, porque ela é utilizada para marcar diferenças sociais pelo poder. Nas semióticas que se fundamentam pela arbitrariedade, esta é utilizada

como uma indicação de um poder social que é suficientemente forte para atar qualquer forma a qualquer significado; e a convenção – o efeito do poder social ao longo do tempo – como uma força social que atua para manter os signos estáveis, uma força estabilizadora para a comunidade que a subscreve (Kress 2010: 64).

Na ótica de Kress (2010), essa força social retira do indivíduo possibilidades de mudança nos signos ou na relação destes com o sistema de signo. Mesmo que admitíssemos que os signos fossem arbitrários, essa arbitrariedade não residiria no próprio signo e sim no poder social em manter a relação forma sentido. Essas premissas ressaltam que a base de estudos da linguagem para a Semiótica Social de Hodge e Kress (1988) é a Linguística Sistêmica Funcional de Halliday (1985), que compreende a linguagem como uma semiótica social, ao considerá-la em termos de um conjunto de potenciais de significados disponíveis para as pessoas produzirem sentido, que elas podem ou não utilizar em determinado contexto social, portanto, trata-se de um sistema de escolhas possíveis de elas fazerem.

Como Jewitt, Bezemer e O'Halloran (2016) ressaltam, é uma concepção de linguagem compatível com a visão marxiana das relações subjacentes entre linguagem e sociedade, além da sua interação com os processos e com as estruturas sociais. Os critérios de análise e observação da linguagem nessa perspectiva são de uso em vez de critérios pré-determinados de signos prontos. Nessa maneira de encarar a linguagem, o recurso de produção de sentido, uma simples palavra que seja, é analisado pelas suas possibilidades de uso atual e não se ele está de acordo com alguma relação entre significante e significado pré-estabelecida. Em vez de arbitrariedades, parte-se da linguagem em uso.

Se a consideração da existência de motivação nos signos da Semiologia de Barthes (1974) é uma ruptura com visões estruturalistas dos estudos de Saussure e uma confluência rumo à Semiótica Social, ela ainda não se faz plenamente, porque Barthes (1974) se mantém preso à concepção positivista saussuriana de valor de troca entre os signos⁴ em vez de valor de uso como na concepção sistêmica e funcional. Valor de troca em Saussure (2012), segundo Ilari (2011: 63), “é, antes de mais nada, ressaltar a natureza opositiva do signo”; a maneira como a língua coloca esse signo em contraste com todos os demais. Uma palavra é o que a outra não é, por isso a palavra tem um valor de troca. Nessa concepção, produzimos o sentido com a palavra “preto”, porque existe o conceito de “branco” para diferenciar uma da outra. Nas palavras de Barthes (1974: 57):

Para que haja signo (ou ‘valor’ econômico) é preciso, portanto, poder permutar coisas dessemelhantes (um trabalho e um salário, um significante e um significado) e, por outro lado, comparar coisas similares entre si: pode-se trocar uma nota de Cr\$ 5.00 por pão, sabão ou cinema, mas pode-se também comparar essa nota com notas de Cr\$ 10,00, de Cr\$ 50,00 etc; do mesmo modo, uma ‘palavra’ pode ser ‘trocada’ por uma ideia (isto é, o dessemelhante), mas pode ser comparada com outras palavras (isto é, o similar).

Hodge (2017) aponta como problemática a noção de valor em Saussure (2012), porque nela o signo parece moeda de troca. Diferentemente, em uma concepção de linguagem marxiana que Hodge e Kress (1988) assumem, o valor da coisa material não deve ser um valor de troca, mas valor de uso. Por isso, na Semiótica Social, o valor não está nas oposições/diferenciações entre signos, no sentido de trocar um pelo outro, em um sistema fixo e abstrato, mas o valor está nas relações da produção do signo, para seu uso e não é, portanto, intrínseco a ele, a ponto de ser moeda de troca. Nesses termos, o valor/sentido de um recurso semiótico é sempre negociado, disputado e construído nas relações sociais de uso, permeadas de controle, dominância, interesses, assimetrias, poder e doses de solidariedade.

A Semiologia de Barthes, portanto, se funda em dualismos, não apenas por se basear nas dicotomias da linguística estruturalista, que o próprio Barthes (1974) questiona na introdução do seu **Elementos de semiologia**, mas por conceber a

⁴ Barthes (2004:01), em **A morte do autor**, considera o positivismo o “resumo e desfecho da ideologia capitalista”, entretanto, ele não se desvinculou do valor de troca da semiologia de Saussure, reflexo dos tempos pré-Círculo de Bakhtin, este, por sua vez, ancorado no valor de uso marxista defendido por Volóchinov ([1929]/2017).

produção de sentido de sua época como mitos construídos por sistemas duplos: um arbitrário; outro, motivado.

1.1 O MITO DE BARTHES

O pensamento dualista de Barthes acerca da linguagem, que pode ser tanto uma relação arbitrária quanto motivada de signos, está na base da sua proposta de sistemas de mitos, que é a sua maior contribuição para a Semiótica Social de Hodge e Kress (1988), porque o mito barthesiano é uma primeira semiótica a oferecer análises de signos opacados por interesses de controle e poder dos grupos dominantes, como a imprensa analisada por Barthes (2009). Nessa perspectiva, Barthes abre espaço, inicialmente, segundo Casa Nova (2009), para uma análise semiológica em moldes saussurianos, mas tentando ultrapassar as fronteiras da linguística estruturalista fundada a partir dos estudos de Saussure. Esse olhar se desdobra para uma visão de signo que não estava em busca do sentido único, correto, mas da sua pluralidade.

Na obra **O mito, hoje**, capítulo do livro **Mitologias** de Barthes (2009), ele propõe o conceito de mito, que é um sistema duplo de significação, formado por um primeiro sistema, contendo uma relação arbitrária entre significante e significado, cujo sentido torna-se o significante de um segundo sistema, com uma segunda relação, desta vez motivada. Barthes (2009) chama o primeiro sistema de Língua e o segundo de Mito.

Ao chamar o primeiro sistema de Língua, Barthes (2009) o faz para se referir à concepção de língua (*langue*) de Saussure como sistema, um conjunto convencionado de regras do todo social. Para Saussure (2012: 45), o oposto de língua é a fala (*parole*), que seria o uso individual da língua, “de quem o indivíduo é sempre senhor”, por isso não deve, para Saussure, fazer parte da análise linguística, posto que “jamais é feita pela massa”, portanto, a língua é social e a fala individual. Barthes (2009: 199) se apoia nessa concepção saussuriana de língua e fala para dizer, logo na abertura do seu capítulo **O mito, hoje**, que “o mito é uma fala” a qual, diferentemente de Saussure, precisa ser estudada, pois é na fala/mito que está o sentido ideológico de uma individualidade (pode ser um grupo dominante) que pretende se impor ao todo social.

Além disso, se em Saussure (2012) a língua se refere ao linguístico unicamente, em Barthes (2009), língua é qualquer sistema semiológico, tais como a moda, a comida, a imagem entre outros. Nessa concepção, língua está mais para o que chamamos de linguagens atualmente em português para se referir amplamente a todas as linguagens possíveis, incluindo a língua verbal falada e escrita. Quanto a esse aspecto, Barthes se aproxima das ideias de Halliday (1985: 4), que ancora a visão sociossemiótica da linguagem ao indicar que

A linguística é, então, um tipo de semiótica. É um aspecto da sutileza do significado. Existem muitas outras formas de significado, além da língua. A língua pode ser um sentido bastante vago, indefinido, o mais importante, o mais abrangente; é difícil dizer exatamente como. Mas existem muitos outros modos de significação, em qualquer cultura, que estão fora do reino da língua.

Ao pensar no primeiro sistema do mito de forma saussuriana, Barthes (2009) considera que o signo resultante dele é criado de forma arbitrária, seria um primeiro nível de leitura superficial, do qual o leitor não escapa da produção de um signo dado e já estabelecido. Entretanto, esse signo torna-se o significante para a produção de um segundo significado, em um segundo sistema. Neste, por sua vez, o signo é motivado, na medida em que é fruto de intenções ideológicas. Esse segundo sentido é o mito, a fala, criado a partir da apropriação do primeiro sentido, o da língua, que Barthes (2009) passa a chamar de linguagem-objeto, pois ela é objetivada, usada para a criação do mito. Por isso Barthes (2009) chama o mito de parasita, de ladrão da linguagem. Aqui, percebemos também idealismo por parte de Barthes com relação a uma pretensa linguagem primeira, essencial⁵, pura, que é corrompida pelos interesses do mito. Barthes faz uma revisão da teoria saussuriana no que se refere ao princípio da arbitrariedade tão vangloriado no paradigma estruturalista, ao relativizar a relação entre significante e significado, que pode ser determinada, de acordo com ele, por diferentes graus de motivação. A rigor, um sistema em que a motivação é inexistente é aquele em que os signos não são fundados por convenção, mas sim por decisão unilateral. Nesses moldes, assim como no mundo da moda os signos são motivações de uma elite que organiza o corpo, os signos na língua tampouco são desmotivados. Nessa perspectiva, Barthes faz uma transição do

⁵ Em **A câmara clara**, Barthes ([1980]/2022) busca a essência da fotografia, o que pode demonstrar bases idealistas dos seus estudos semióticos.

paradigma saussuriano para uma semiologia geral, contendo, por exemplo, signos pictóricos em que a relação de significante e significado é, em alguma medida, uma motivação.

Ao nos ancorarmos nas postulações de Barthes (2009), vemos um movimento em situar o mascaramento da ideologia pelos códigos das mídias, ou seja, o repúdio em relação a como a indústria cultural mascara a realidade, naturalizando o que é historicamente construído. Nessa discussão, o autor traz a noção de mito, colocado como “um sistema de comunicação, uma mensagem [...] uma forma de significação, que se define pela maneira como se fala” (Barthes 2009: 199). Nesse horizonte, o autor situa que são necessárias condições especiais para que a linguagem se transforme em mito. Com esse pensamento, Barthes acena para a noção de motivação, ou níveis de motivação, no processo de produção de signo.

Para exemplificar, Barthes (2009) analisa o sistema duplo entre língua e mito em uma capa de revista francesa dos anos 1950. Essa capa da revista **Paris Match** não é reproduzida em **O mito, hoje**, mas o faremos aqui.



Figura 1: Capa Paris Match nº 326 jun./jul. 1955

Segundo Barthes (2009: 207), no primeiro sistema desta capa, no plano da língua (linguagem-objeto), existe o seguinte signo arbitrário: “um negro faz a

saudação militar francesa”. Esse **sentido** é arbitrário, porque é o que se vê na superfície da capa, não se pode negar a cor da pele, o uniforme e o gestual do jovem, que são **significantes** ao qual atribuímos o **significado**. No segundo sistema, no plano do mito, Barthes (2009) propõe chamar esse sentido de **forma**, ou seja, o que era sentido no primeiro sistema torna-se um significante no segundo, mas para não confundir com o significante do primeiro, ele sugere utilizar o termo forma. Nesse segundo sistema, o do mito, o significado passa a chamar **conceito**, que já é um termo para o significado na semiologia de Saussure, como vimos. O terceiro termo do mito, fruto da relação entre forma e conceito, seria o novo signo, o signo do segundo sistema, o signo do mito. Para não confundir com o signo do primeiro sistema, Barthes (2009) propõe chamá-lo de **significação**, “esta palavra cai aqui como uma luva, porque o mito tem efetivamente uma dupla função: designa e notifica, faz compreender e impõe” (Barthes 2009: 207).

A Figura 2 ilustra esse sistema duplo.

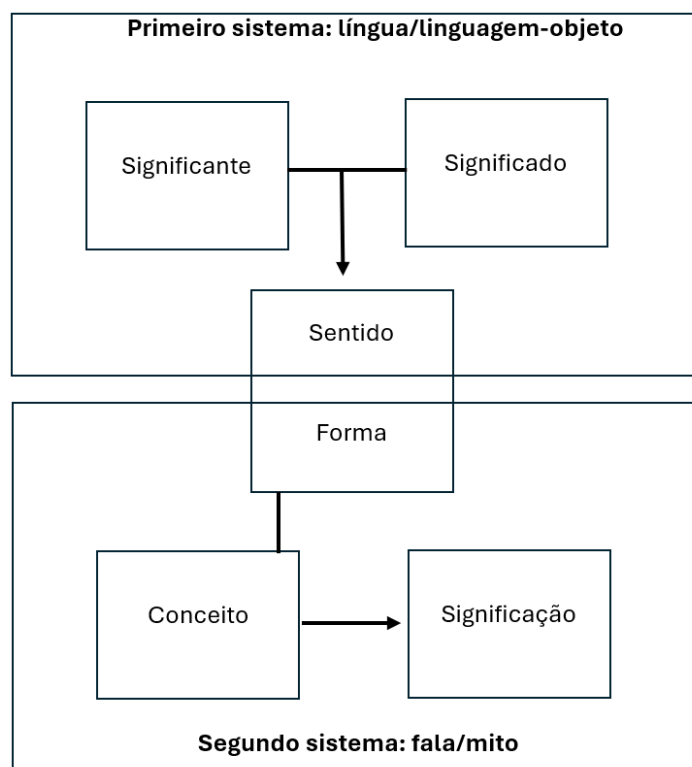


Figura 2: Sistema duplo do mito, elaborado pelos autores com base em Barthes (2009)

É interessante ler o próprio Barthes interpretando o duplo sentido da capa de revista:

estou no cabeleireiro, dão-me um exemplar da Paris-Match. Na capa, um jovem negro vestindo um uniforme francês faz a saudação militar, com os olhos erguidos, fixos sem dúvida numa prega da bandeira tricolor. Isto o sentido da imagem. Mas, ingênuo ou não, vejo decerto o que ela significa: que a França é um grande Império, que todos os seus filhos, sem distinção de cor, a servem fielmente sob a sua bandeira, e que não há melhor resposta para os detratores de um pretenso colonialismo do que a dedicação desse jovem negro servindo os seus pretensos opressores. Eis-me, pois, mais uma vez, perante um sistema semiológico ampliado: há um significante, formado já ele próprio por um sistema prévio (um soldado negro faz a saudação militar francesa); há um significado (aqui uma mistura intencional de "francidade" e "militaridade"); há, enfim, uma presença do significado por meio do significante (Barthes 2009: 207).

Para Barthes (2009), as intenções do mito não são escondidas, se o fossem, não seriam eficazes, pelo contrário, elas são naturalizadas, fazendo com que percam o seu caráter de construção social e histórica. No exemplo da capa da revista, o mito é a construção social de um sudanês condizente com a colonização de seu país pela França na derradeira década do seu imperialismo na África. Esse mito é uma construção social motivada pelos interesses da publicação em justificar a política imperialista, mas que paulatinamente se torna naturalizada, sedimentada no seio da sociedade, torna-se verdade. Na legenda que acompanha a foto na capa, lê-se: **Les Nuits de l'Armée**, trata-se de uma festa anual que era organizada pela revista **Paris Match** em prol do exército, o que diz muito a respeito do compromisso da publicação com o imperialismo francês. Essa criação de mitos é a principal crítica de Barthes (2009) à sociedade da sua época e é sobremaneira uma contribuição substancial aos estudos da semiótica, visto que nessa perspectiva é possível chegar ao nível discursivo do texto e às questões imbricadas com as relações de poder e com as posições axiológicas. Na prática, a leitura superficial do sistema como apenas uma relação arbitrária de significante e significado não é o bastante para desmascarar o poder de controle exercido por certos domínios da sociedade. Para Barthes (2009), é preciso ser um mitólogo para interpretar os mitos que nos são impostos.

Essa naturalização da significação de um mito ocorre, segundo Barthes (2009), no processo de relação entre forma e conceito (significante e significado do segundo sistema). Esse conceito, para Barthes (2009), é construído e sedimenta-se na cosmovisão de leitores que passam a utilizá-lo para associar à forma/significante nos mitos. Barthes (2009) propõe a utilização de neologismos para representar essa

cosmovisão/conceito que é construído no segundo sistema. Assim, nessa relação, o leitor associa o sentido/forma “um negro faz a saudação militar francesa”, oriundo do primeiro sistema, com o conceito que ele possui de **francidade-imperialista** (neologismo criado por nós com base em Barthes). Barthes (2009) considera que o sentido do primeiro sistema não desaparece por completo, mesmo com a assunção da significação do sistema do mito. Isso sugere que, em grande medida, é necessária a conformidade dos leitores com essa significação: “sudanês-presta-homenagem-à-bandeira-francesa-consensual-e-fielmente”, mesmo cientes que o sentido primário é “um negro faz a saudação militar francesa”. Ao mesmo tempo, é possível afirmar que nem todos os leitores compactuam com a significação imperialista, porque não faz parte de sua cosmovisão a possibilidade de um “sudanês-prestar-homenagem-à-bandeira-francesa-consensual-e-fielmente”.

Fontanari (2016) observa que esse duplo sistema barthesiano tem inspiração na linguística de Louis Hjelmslev, principalmente na sua dicotomia entre denotação e conotação. De fato, no capítulo de **Elementos de Semiologia** de Barthes (1974), intitulado assim **Denotação e Conotação**, o linguista dinamarquês Louis Hjelmslev é citado como fonte da perspectiva segundo a qual a linguagem possui uma face denotativa, mais próxima da produção arbitrária do signo no primeiro sistema barthesiano, e uma face conotativa, logo motivada, mais próxima da significação do segundo sistema. Daí, consoante Fontanari (2016: 147), “o termo co-notar, notar duas vezes. O mito impõe um sentido secundário que é a conotação”. Em **O mito, hoje**, Hjelmslev não foi citado por Barthes.

O mito é capaz de deslocar um signo do seu contexto e o faz funcionar como significante afetado de outro significado, noutro contexto, em que se assume outra significação. Barthes ao discorrer sobre o mito, ancora-se em alguns princípios de Saussure sobre a noção opositiva de *língua/fala*. Segundo Fontanari (2016), o mito barthesiano consiste numa ‘dobra’, ou seja, problematiza o uso social e histórico que os falantes da língua são capazes de fazer de tal maneira que os objetos e as matérias passam a significar outra coisa para além da nomenclatura do mundo. Esse fenômeno de significar para além da nomenclatura, nos termos barthesianos, indica acréscimo de significado ao signo, aproximando-o das contribuições de Hjelmslev sobre a noção de conotação e denotação.

Além desse dualismo entre denotação e conotação, percebemos também o valor de troca da semiologia de Saussure no sistema duplo do mito barthesiano. A transição entre primeiro e segundo sistema é carregada de valor no que se refere a trocar o sentido por forma, o signo por significado, ou seja, uma troca dessemelhante como diz Barthes (1974) na citação que fizemos anteriormente. Essa negatividade presente no fato de o sentido se transformar em forma incomoda a Barthes (2009), pois, na sua concepção idealista, o mito toma o sentido primário de assalto.

Barthes (2009) crê que essa apropriação do sentido primário para produzir mitos é uma tendência da sociedade burguesa, que tem como princípio mascarar, tornar opaco os seus objetivos ideológicos. Para ele, a burguesia enquanto fato econômico é propagada abertamente por meio da clara declaração dos sistemas econômicos como capitalistas no ocidente. No entanto, como fato ideológico, a burguesia “desaparece completamente: a burguesia apagou o seu nome, se define como a classe social que não quer ser denominada” (Barthes 2009: 230). Nesse projeto burguês, a intenção é impor as normas burguesas “vivas como leis evidentes de uma ordem natural: quanto mais a classe burguesa propaga as suas representações, mais elas se tornam naturais” (Barthes 2009: 232). Exemplo disso é a imposição do jeito da burguesia de se vestir, de comer, de se comportar, de consumir de modo geral, bem como o jeito dela de falar e de escrever tornarem-se o padrão social almejado. No entanto, essa imposição, de acordo com Barthes (2009), é realizada por meio dos mitos, em vez de sê-lo diretamente por via de sentidos primários.

Essas proposições e críticas de **O mito, hoje**, publicado originalmente no final dos anos 1950, são a superlativa contribuição de Barthes para o desenvolvimento da Semiótica Social. Hodge e Kress (1988: 269) reconhecem que Barthes “desenvolveu alguns dos temas da Semiótica Social, especialmente em Mitologias”.

Barthes (2009) detectou essa forma indireta de imposição das normas sociais burguesas capitalistas, por seu turno, Hodge e Kress (1988) analisaram-na a partir do ponto de vista da dialética entre poder e solidariedade proposta por Durkheim (1999). Nesse entendimento, Hodge e Kress (1988) defendem que há complexos ideológicos criados para administrar as contradições das sociedades capitalistas. Nesses complexos ideológicos, existem sistemas logonômicos (controle pela

linguagem) que ditam o que, quem, com quem, quando, como e para que se deve ou se pode falar (escrever, gesticular, enfim, se comunicar de modo geral), inclusive na língua verbal falada e escrita, diferentemente de Barthes (1974: 33) que, com base em Saussure, ainda defendia que a língua, como sistema primário e arbitrário, não sofre influências do que ele chama de “grupos de decisão”, mas apenas da sociedade como um todo. São exemplos de sistemas logonômicos os gêneros do discurso, os gêneros masculinos e femininos, a norma padrão, os acentos, o estilo, a profissão, relações de parentesco e empregatícias entre outras.

Além disso, esses sistemas logonômicos administram doses de poder de controle e de oferecimento de solidariedade da seguinte maneira. O sistema cede em solidariedade até a medida a partir da qual o poder de controle não é perdido. Nesses termos, podemos especular que a capa da revista **Paris Match** dos anos 1950 é direcionada para um público que possui o conceito bem sedimentado de **francidade-imperialista** a ponto de compactuar com a significação “sudanês-presta-homenagem-à-bandeira-francesa-consensual-e-fielmente”. Tendo como premissa esse pacto com seus leitores pró-imperialistas, a revista não precisou ceder em solidariedade, pelo contrário, publicou explicitamente a fotografia “um negro faz a saudação militar francesa”. Ao mesmo tempo ela ignorou outros leitores. Do ponto de vista da Semiótica Social, a revista criou um signo opaco “que pode ser transparente para o produtor, mas não para o leitor” (Hodge; Kress, 1988: 22), pelo menos não para todos.

As publicações contemporâneas ainda utilizam desse expediente, como Santos, Paiva e Gualberto (2022) procuraram demonstrar. Ancorados nos pressupostos da Semiótica Social, analisaram capas de revistas no contexto brasileiro que versam sobre política no período do impeachment da presidente Dilma até as eleições de 2018, buscando compreender a tessitura textual, os modos e recursos semióticos mobilizados, os aspectos potenciais de significação de texturas táteis e visuais na produção de metáforas multimodais. Os resultados indicaram que a articulação dos recursos de textura nas capas recontextualizou textos provocando ironia, humor, sátira, portanto, transgredindo o caráter fixo e arbitrário do signo, recolocando-o no processo de registrar o interesse de um sujeito cognitivamente reflexivo/dialogante em um lugar do mundo físico, social, histórico, cultural e conceitual.

A interlocução entre a Semiologia e a Semiótica Social foi frutífera, na medida em que permitiu que esta ampliasse sua lente para a análise de sentidos outrora desfocados dos estudos semióticos. Entretanto, a Semiótica Social foi além, sobretudo a partir da virada multimodal elaborada por Kress e van Leeuwen (2001; 2021), com a qual é possível compreender outros elementos presentes em fotografias como a da capa de **Paris Match** para além dos elementos “um negro faz a saudação militar francesa”, observados por Barthes (2009). Como sinalizou van Leeuwen (2005: xi), embora a Semiótica Social seja “fortemente inspirada pela semiótica da Escola de Paris, e especialmente pela obra de Roland Barthes, ela há muito deixou de ter interesse exclusivo em estrutura e sistema.” Isso porque a Semiologia de Barthes analisa sistema por sistema, em separado: a moda, o linguístico, a fotografia etc. Temos como hipótese que a concepção de linguagem da Semiologia, dualista, principalmente entre língua e fala, denotação e conotação; com forte influência da arbitrariedade e valor de troca saussuriano, além de idealista, sobretudo ao conceber a linguagem verbal como soberana, fez com que Barthes não compreendesse a motivação existente em outros modos semióticos de produção de sentido como a fotografia presente na capa analisada, bem como faltou a ele considerar a relação sinérgica entre os modos semióticos nos textos, o que chamamos de multimodalidade.

2. A MULTIMODALIDADE

Apesar de Barthes (1974) propor que a Semiologia seja uma ciência para o amplo estudo de diferentes sistemas semióticos, para ele, a língua verbal falada e escrita é a principal linguagem, de cujos sentidos produzidos todos as demais linguagens dependem para se fazerem compreendidas. Nas palavras de Barthes (1974: 12):

A substância visual, por exemplo, confirma suas significações ao fazer se repetir por uma mensagem linguística (é o caso do cinema, da publicidade, das historietas em quadrinhos, da fotografia de imprensa etc), de modo que ao menos uma parte da mensagem icônica está numa relação estrutural de redundância ou revezamento com o sistema da língua.

Para ele, o grafocentrismo é a centralidade do saber:

[...] nós somos, muito mais do que outrora e a despeito da invasão das imagens, uma civilização da escrita. Enfim, de um modo muito mais geral,

parece cada vez mais difícil conceber um sistema de imagens ou objetos, cujos significados possam existir fora da linguagem: perceber o que significa uma substância é, fatalmente, recorrer ao recorte da língua: sentido só existe quando denominado, e o mundo dos significados não é outro senão o da linguagem. (linguagem = língua verbal) (parágrafo nosso)

Para Barthes (2009), a imagem impõe a significação de uma só vez, ao invés de fazê-lo elemento por elemento, com isso, a imagem seria mais aberta à significação, necessitando que o linguístico defina os sentidos possíveis de uma fotografia. Nessa perspectiva de Barthes, a fotografia não possui estrutura, ela não pode ser signo. Em sua última obra, **A câmara clara**, um ensaio dedicado à fotografia⁶, Barthes ([1980]/2022: 77) ratifica esse posicionamento: “a fotografia é uma imagem sem código”. Segundo ele, trata-se de uma linguagem dêitica, ela é o que é, ou seja, seu próprio referente, uma pessoa por exemplo, está presente na própria fotografia, em vez de ser como em outras linguagens sígnicas, cujo referente está alhures e o signo o representa no aqui e agora. Para Barthes (2022: 17), a fotografia “gostaria de ser tão gorda, tão segura, tão nobre quanto um signo, o que lhe permitiria ter acesso à dignidade de uma língua”, mas, para ele, olhar para a fotografia é semelhante a olhar para a realidade que esteve diante da câmera quando ela foi produzida.

Diferentemente da Semiologia de Barthes, a multimodalidade considera que as imagens são estruturadas sim. Por exemplo, van Leeuwen (2005: 38) questiona a ideia de simulacro da realidade que uma foto representa para Barthes, pois há semiótica nas fotografias ao “reduzirem o tamanho, achatarem e, no caso da fotografia em preto e branco, drenarem a cor” da pretensa realidade da qual ela seria cópia. Além disso, para a multimodalidade não há prevalência do verbal sobre as imagens, mas elas estão em integração, em sinergia com os textos verbais que as acompanham: “a imagem, como todos os modos, não ocorre isoladamente: ela coocorre e interage com outros modos. Ela é sempre afetada por essas interações, moldada e constantemente remodelada na interação social e semiótica com a fala, o movimento, os objetos 3D, a escrita e outros” (Kress; van Leeuwen 2021: 18). Do ponto de vista sistêmico funcional, cada qual possui o seu potencial de significado, pois pode significar mais do que um único sentido. Nesses termos, o sentido

⁶ **A câmara clara** pode ser classificada como uma obra de **estilo tardio** que, segundo Wisnik (2018), é a projeção que o autor faz do seu passado, tornando-o tema, perpassando por ele para reafirmá-lo. Ao escrutinar seu passado intelectual e também afetivo, dado o estilo pessoal com que Barthes tratou a fotografia nesse livro, **A câmara clara** é, por que não, seu epitáfio, pois o autor morreu no ano de sua publicação.

atribuído por Barthes (2009: 207) à capa da revista “um negro faz a saudação militar francesa” é fruto da sua maneira de ler imagens, isto é, impondo sua significação de uma só vez. Barthes (2022) reforça seu ponto de vista para analisar fotografias ao propor mais uma dicotomia. Para ele, qualquer análise que decompõe o todo de uma imagem, buscando seus elementos, é característica do **Studium**, de intenções técnicas do fotógrafo. Ao passo que o observador de uma foto é tocado pelo **Punctum**, aquele elemento da foto que chama sua atenção subjetivamente.

No entanto, para a multimodalidade, é possível analisar elemento por elemento da fotografia por uma abordagem semiótica, sem considerar exclusivamente as intenções do fotógrafo. Do ponto de vista marxiano da Semiótica Social, as linguagens são modos semióticos de produção de sentido, por isso, cada elemento, cada signo é produzido, em vez de “pronto para ser reconhecido, escolhido e usado, como a semiologia (de Barthes) o compreende: (nela) os signos são geralmente considerados ‘disponíveis para uso’” (Kress; van Leeuwen 2021: 08). Isso evita dualismos como a proposta de duplo sistema de Barthes (2009), pois não se busca o sentido em um dos polos dualistas, já que ele é construído no aqui e agora da enunciação, no seu valor de uso, com seu potencial de significar.

Essa análise por elementos revela motivações pelas quais a fotografia foi produzida, demonstrando como o signo é sempre motivado. A arbitrariedade pode ser uma dessas motivações, por exemplo, por meio de complexos ideológicos dos grupos dominantes, com seus sistemas logonômicos, mas ela não é a regra, pois, para a Semiótica Social, a agência dos grupos dominados pode se contrapor aos desejos de controle pela arbitrariedade do signo com negociação de sentidos, disputa por lugar de fala e construção de narrativas substitutivas.

A multimodalidade é a parte da Semiótica Social que estuda os modos e recursos de produção de sentido, bem como a integração entre eles (Kress 2010). Ao considerarmos a abordagem da multimodalidade de Kress e van Leeuwen (2021) para análise da capa da revista **Paris Match**, é possível verificar elementos criados com os recursos semióticos disponíveis para a fotografia tais como cores, ângulo, olhar, distância e luz. O participante da imagem, o jovem negro, observa um fenômeno indefinido, supomos que seja a bandeira francesa pela direção elevada do olhar, com isso não existe uma transição de força entre ele e o objeto mirado, pois este não está representado na moldura da capa, apenas sugerido pelo contexto militar da foto.

Somado ao fato de o participante estar em uma pose oblíqua em vez de estar de frente para o observador da capa, essa configuração sugere a produção de sentido segundo a qual o participante está exposto para nós observadores, logo, uma postura que sugere passividade para que o contemplemos. Reforça esse sentido o fato de ele não estar olhando para nós observadores, posto isso, o olhar e o tronco oblíquos, sugerem, do ponto de vista das relações interpessoais, que não existiu o desejo de quem produziu a foto que o participante fizesse contato com o observador, mas sim que ele seja o objeto a ser observado.

Ao analisarmos as cores e a iluminação da foto, é possível observar que há luz na região dos olhos do participante em contraste com ausência de luz no restante do seu rosto. Por mais que a fotografia da capa procurou criar um padrão de **validade** com essa paleta de cores, isto é, deixá-la mais próxima do real (Kress; van Leeuwen 2021), o fato de a distância ser em close-up reforça a intenção de expor um participante com efeitos de exótico, de alguém que se diferencia pelos tons de pele, tanto internamente à foto, nas oposições entre claro e escuro da fotografia, quanto deitivamente em relação a outras pessoas representadas em capas da **Paris Match**.

Como comparação, reproduzimos, na Figura 3, outra capa da mesma revista, anterior à capa da Figura 1, porém da mesma década de publicação, além de terem semelhantes temáticas, escolhas de distância, ângulos, posturas e olhares. O diferente é o soldado branco representado sem variações de cores e iluminação.



Figura 3: Capa Paris Match nº 84 out. 1950

Pela teoria da comunicação multimodal de Kress (2010), podemos dizer que esta capa da Figura 3 foi traduzida para a capa da Figura 1. Isso porque a **tradução** se refere à recriação do sentido, por exemplo, de um gênero para outro diferente, para o mesmo modo semiótico ou ainda entre modos diferentes, como da escrita para a fala. Isso entre culturas distintas ou dentro de uma mesma cultura. Portanto, “a tradução é o termo usado para descrever mudanças significativas no sentido: entre gêneros, entre modos, entre culturas e em qualquer combinação destes” (Kress, 2010: 124). De acordo com as categorias de tradução propostas por Kress (2010) para a comunicação multimodal, a capa da Figura 1 realiza uma **transformação** da capa da Figura 3, que se caracteriza por não envolver mudança de modos semióticos, nem de gêneros, pois continuaram sendo capas de revistas, mas por conter rearranjo de elementos, no caso da **Paris Match**, em vez do soldado branco europeu, a introdução de um soldado negro e suas representações de cores e brilhos. Por outro lado, o que chama atenção nessa tradução entre as capas é a difusa transformação entre culturas: trazer o outro diferente, reposicionar o colonizado na cultura de **francidade-imperialista** que a Paris Match procura representar.

Essa análise dos elementos da fotografia da Figura 1 pode revelar motivações dos seus produtores para além da primeira significação imposta de uma só vez por Barthes (2009: 207): “um negro faz a saudação militar francesa”. Não é simplesmente um negro sudanês, mas um negro representado a partir de interesses da revista de expandir o conceito de **francidade-imperialista** em direção ao exótico, porém sem o perigo que esse diferente possa eventualmente trazer para a metrópole, pois ele está em postura de servidão, não apenas pelo gesto de respeito que a continência e o uniforme representam, mas pela configuração dos elementos da foto, que sugere exposição do jovem, em vez de demanda por contato com ele (Kress; van Leeuwen 2021).

Em relação ao sistema duplo do mito, para a Semiótica Social e a multimodalidade de Kress (2010), ele perde a razão de ser duplo, a partir do momento que a ideia de conotação se esvazia, porque a compreensão do primeiro sistema não é condição para a compreensão do segundo sistema como Barthes (2009) faz parecer. Para compreender o que Barthes chama de mito, isto é, “sudanês-exposto-como-algo-exótico-presta-homenagem-à-bandeira-francesa-como-se-fosse-atitude-consensual-e-pertinente-com-a-política-imperialista-em-seu-país”, é preciso

ter conhecimento sociais, ambientais e históricos acerca da cultura de **francidade-imperialista** construída pela **Paris Match**. Em termos semióticos sociais, não seria necessário acessar o primeiro sentido do primeiro sistema para compreender o sentido final.

O sentido primário: “um negro faz a saudação militar francesa” é uma condição para compreender o sentido imperialista mais amplo? Acreditamos que não. Claro que Barthes está preocupado com os leitores que produzem apenas o sentido do primeiro sistema, o que também beneficia o mito em torno da **francidade-imperialista**, ainda que de forma inconsciente. Ao mesmo tempo, essa possibilidade demonstra que o mito não precisa do duplo sistema para ser eficiente, basta que uma pessoa, mesmo sem o conhecimento do projeto imperialista da revista, compreenda a capa como um sudanês se submetendo à bandeira francesa.

Barthes (2009) apresenta um outro exemplo de duplo sistema a partir de uma sentença literária em latim: **quia ego nominor leo** (pois eu me chamo leão) que, segundo ele, pretende significar outra coisa: uma lição de latim. A questão que se põe é: seria necessário ler a sentença em latim, isto é, realizar as relações de primeiro sistema, para depois compreender, em um segundo sistema, seu mito, que aquela sentença é uma lição e não uma sentença literária? Diferentemente de Barthes (2009), acreditamos que não é necessário. O estudante sabe por outras razões sociais, ambientais e históricas que se trata de uma lição, pois se encontra na situação de estudante, em sala de aula e com a sentença reproduzida em um livro didático, não sendo necessário decodificar a sentença em um primeiro sistema para compreendê-la como lição escolar.

Com relação ao texto verbal que acompanha a foto de capa, para Barthes (1974: 12), ele é a chave para a interpretação de imagens:

Assim, apesar de trabalhar, de início, com substâncias não linguísticas, o semiólogo é levado a encontrar, mais cedo ou mais tarde, a linguagem (a “verdadeira”) em seu caminho, não só a título de modelo mas também a título de componentes, de mediação ou de significado.

O linguístico é alçado idealmente à condição de “verdadeira” linguagem, independentemente de o ponto de partida da análise ser uma imagem, por isso, para Barthes (1974), ao fim e ao cabo, seria o linguístico o mediador do sentido. Entretanto, o linguístico é mais um dos modos de produção de sentido que compõe o

conjunto multimodal orquestrado (Kress 2010), ele é meio e não o fim na produção de sentido. Na capa da Figura 1, a legenda não diz sobre exposição do jovem sudanês como a leitura da fotografia o faz. No entanto, se integrarmos os sentidos do modo imagético com o verbal, é possível produzir o sentido de exposição do exótico na festa militar **Les Nuits de l'Armée**. Nesse caso, a imagem vai mais ao encontro e ao socorro do texto verbal do que o contrário, como apregoa Barthes (1974).

Em suma, na perspectiva da Semiótica Social, a escolha motivada de cada modalidade é pautada no interesse do produtor. Assim o signo, ou conjunto multimodal de signos complexos, reflete o interesse em um processo de construção metafórico para obter, em determinado momento, os propósitos comunicativos. Logo, nas palavras de Kress (2010:30), “todos os signos são metáforas”, sempre produzidos novamente, em um ambiente específico.

3. A PRODUÇÃO DE SENTIDO, HOJE – CONSIDERAÇÕES

Outra obra importante para a Semiótica Social é **A morte do autor**, de Barthes ([1967]/2004). Nela, Barthes indica que o imaginário do autor como motriz e proprietário do sentido de um texto é tanto quanto uma construção de mito, pois o sentido e a reunião de todas as vozes de um texto é, pelo contrário, uma construção do leitor. Para propor essa mudança de polo, Barthes (2004) enfatiza mais de uma vez que a enunciação é o único tempo e lugar de um texto: “todo texto é escrito eternamente aqui e agora” (Barthes 2004: 3). Com isso, Barthes abre caminho para que a semiótica abandone o projeto de ciência de sistemas de linguagem abstratos e do texto dado como pronto.

Essa nova perspectiva fundamenta a Semiótica Social de Hodge e Kress (1988), cuja missão é seguir o fluxo ininterrupto de produção de sentido de um texto em vez de buscar um provável sentido pretendido pelo autor. As proposições de Barthes (2004) acerca de enunciação, de leitor ativo, de texto multifacetado vão ao encontro da semiótica social do Círculo de Bakhtin, sobretudo da concepção marxiana de consciência e linguagem proposta por Volóchinov ([1929]/2017) e de dialogismo de Bakhtin (2003), com as quais Barthes (2004: 4) conversa:

Sabemos agora que um texto não é feito de uma linha de palavras, libertando um sentido único, de certo modo teológico (que seria a «mensagem» do Autor-Deus), mas um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se

contestam escritas variadas, nenhuma das quais é original: o texto é um tecido de citações, saldas dos mil focos da cultura.

Essa tomada de consciência para a enunciação demonstra como Barthes esteve atento à comunicação de sua época, projetando futuros. No entanto, da mesma maneira, esse homem do seu tempo, alinhado com o espírito de sua época, pode explicar por que Barthes não renunciou a concepções de linguagem construídas por ele sobre um mundo calcado no imperativo do linguístico, sedimentado em bases da convenção social, com fronteiras demarcadas entre o canônico e o popular, o formal e o informal, o disciplinar e o rebelde, como era o mundo de Barthes do pós-guerra e anterior ao pós-modernismo. Barthes não viveu para presenciar as profundas mudanças na comunicação dos últimos quarenta anos.

Ela ficou mais multimodal, posicionando o linguístico como um entre outros modos a compor a paisagem semiótica (Kress; van Leeuwen 2001), cujas fronteiras tornaram-se difusas em razão de hibridização de gêneros textuais e de diluição dos limites entre formal e informal (Kress 2010); tornou-se uma comunicação cuja informação se encontra na convergência entre mídias (Jenkins 2009), em que a ascensão dos ambientes web, passando pelas comunidades virtuais, que se tornaram redes sociais a partir da web 2.0, fortaleceu a cultura do remix (Manovich 2005; Navas 2008) e ampliou a noção de texto para o hipertexto (Levy 1993; 2000; Coscarelli 2012). Nessa forma pós-moderna de comunicar, as culturas se apresentam tanto quanto híbridas (Canclini 2019), desfazendo a noção de identidades fixas, para construir narrativas de vida pelo processo de identificação (Giddens 1991; Hall 2014).

Nessa configuração, a comunicação direta realizada pelas próprias pessoas, sem intermédio dos meios convencionais tais como TV, rádio, imprensa, com ares de autenticidade e por meio dos recursos disponíveis, sobretudo os digitais, tem sido a preferência. É o que Kress (2010) denomina como **design**, termo que se opõe à comunicação por competência, que é adquirida a priori, na educação formal, na alta cultura, nas grandes mídias, a partir de gêneros canônicos e no seio da hierarquização social marcada pelo poder.

Entretanto, o poder hegemônico se adaptou a essa forma de comunicação desejada pela contemporaneidade e tratou de assumir o controle da web e das redes sociais, por meio dos conglomerados conhecidos como **big techs** (Santos; Paiva; Gualberto 2025), inaugurando o capitalismo de vigilância sobre o que as pessoas

fazem, consomem e postam (Beiguelman 2021) por meio de algoritmos (Canclini 2021). Como aponta Hodge (2017) toda essa vigilância aparenta legalidade e transparência, mas é construída a partir de aceitação passiva e de maneira opaca. Portanto, muito do fazer comunicacional por meio dos mitos barthesianos predominam na sociedade atual, em que pese sua mudança de forma, de conteúdo e de expressão, demonstrando a capacidade de adaptação do projeto burguês de dominância criticado por Barthes desde os anos 1950.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. O gênero do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara: notas sobre fotografia*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2022. Trabalho original publicado em 1980.
- BARTHES, Roland. O mito, hoje. In: BARTHES, Roland. *Mitologias*. 4ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009. Trabalho original publicado em 1957.
- BARTHES, Roland. A morte do autor. In: BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Trabalho original publicado em 1967.
- BARTHES, Roland. *Elementos de Semiologia*. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1977. Trabalho original publicado em 1964.
- BEIGUELMAN, Giselle. *Políticas da imagem: vigilância e resistência da dadosfera*. São Paulo: UBU, 2021.
- CANCLINI, Néstor. *Cidadãos substituídos por algoritmos*. São Paulo: EDUSP, 2021.
- CANCLINI, Néstor. *Cultura Híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2019.
- CAREY, Jewitt; JEFF; KAY, O'Halloran. *Introducing Multimodality*. London; New York: Routledge, 2016.
- CASA NOVA, Vera. Roland Barthes: a semiologia in extremis. In: PINTO, Júlio. CASA NOVA, Vera. (org.). *Algumas semióticas*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

- COSCARELLI, Carla. *Hipertexto na teoria e na prática*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FONTANARI, Rodrigo. Como ler imagens? A lição de Roland Barthes. *Revista Galáxia*, n. 31, p. 144-155, abril, 2016.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Rio de Janeiro: UNESP, 1991.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomás Tadeu. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- HODGE, Bob. *Social Semiotics for a Complex World*. Wiley: Edição do Kindle. 2017.
- HODGE, Robert; KRESS, Gunther. *Social Semiotics*. New York: Cornell University Press, 1988.
- HALLIDAY, Michael. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.
- ILARI, Rodolfo. O estruturalismo Linguístico: Alguns caminhos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Org.). *Introdução à linguística domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2011.
- JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. 2ª Ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- KRESS, Gunther. *Multimodality: A social semiotic approach to contemporary communication*. London; New York: Routledge, 2010.
- KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading images: the grammar of visual design*. 3ª ed. London; New York: Routledge, 2021.
- KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. *Multimodal Discourse: The modes and media of contemporary communication*. London: Arnold, 2001.
- LEVY, Pierre. *Cibercultura*. 2ª ed. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- LEVY, Pierre. *Tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed 34. 1993.
- MANOVICH, Lev. *Remixing and remixability*. 2005. Disponível em: <http://www.manovich.net>. Acesso em: 20 Jan. 2020.

NAVAS, Eduardo. *Remix: the bond of repetition and representation*. 2008. Disponível em: <https://museudememes.com.br/collection/nazare-confusa>. Acesso em: 20 dez. 2020. s/p.

NÖTH, Winfried. *Hanbook of Semiotics*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1995.

SANTOS, Záira Bomfante dos; PAIVA, Francis Arthuso; GUALBERTO, Clarice Lage. Da exterioridade estruturalista do signo aos conceitos do círculo de Bakhtin e Gunther Kress. *Revista da ABRALIN*, [S. l.], v. 24, n. 1, 2025. DOI: 10.25189/rabralin.v24i1.2298. 2025.

SANTOS, Záira Bomfante dos; PAIVA, Francis Arthuso; GUALBERTO, Clarice Lage. A produção de sentido por meio de metáforas multimodais em capas de revistas que versam sobre política no Brasil. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 12, n. 3, e2520, p. 123-144, set.-dez./2022. DOI: 10.22168/2237-6321-32520.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 27^a ed. São Paulo: Editoria Cultrix, 2012. Trabalho original publicado em 1916.

VAN LEEUWEN, Theo. *Introducing Social Semiotics*. London/New York: Routledge, 2005.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 3^a ed. São Paulo: Editora 34, 2017. Trabalho original publicado em 1929.

WISNIK, José Miguel. *Maquinação do mundo: Drummond e a mineração*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.